

Elisa Miranda Costa
(Organizadora)

Bases Conceituais da **Saúde**



Atena
Editora
Ano 2019



Elisa Miranda Costa
(Organizadora)

Bases Conceituais da Saúde

Atena Editora
Ponta Grossa - 2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

B299 Bases conceituais da saúde [recurso eletrônico] / Organizadora Elisa Miranda Costa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Bases Conceituais da Saúde; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-141-1

DOI 10.22533/at.ed.411191502

1. Medicina integral. 2. Política de saúde. 3. Promoções da saúde. 4. Saúde coletiva. I. Costa, Elisa Miranda. II. Série.

CDD 362.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Com a efervescência da Medicina Integral e da Medicina Comunitária no Brasil, surgiu uma reorientação das práticas médicas dentro das universidades. Esses modelos propuseram uma certa rearticulação dos conhecimentos médicos na dimensão social, o que ampliou a concepção acerca do processo saúde/doença e seus determinantes que a medicina clínica vinha contribuindo quando enfatizava uma abordagem individual e biomédica.

Com o surgimento do campo da Saúde Coletiva, se observa a necessidade de reformas não só educacionais, mas sobretudo sobre o próprio sistema de saúde brasileiro. Portanto, a saúde coletiva consolidou-se como espaço multiprofissional e interdisciplinar.

A educação influencia e é influenciada pelas condições de saúde, estabelecendo um estreito contato com todos os movimentos de inserção nas situações cotidianas em seus complexos aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, dentre outros. Portanto, a prática educativa em saúde, além da formação permanente de profissionais para atuar nesse contexto, tem como eixo principal a dimensão do desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas visando à melhoria da qualidade de vida e saúde da comunidade assistida pelos serviços, reforçando que a educação e a saúde são práticas sociais inseparáveis e interdependentes.

A Educação em saúde no contexto dos serviços de Saúde Pública tem importantes dimensões a serem tratadas: a educação permanente em saúde como política norteadora dos processos educativos contínuos nos diferentes modelos assistenciais do SUS a educação popular em saúde, que reconhece que os saberes são construídos diferentemente e, por meio da interação entre sujeitos, esses saberes se tornam comuns ao serem compartilhados.

Ao longo deste volume serão discutidas as experiências educacionais de acadêmicos de saúde e o processo educativo nas práticas de saúde nas ações dos profissionais inseridos no Sistema Único de Saúde.

Elisa Miranda Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PROMOÇÃO E PREVENÇÃO EM SAÚDE NAS ESCOLAS: A PERCEPÇÃO DAS ORIENTADORAS EDUCACIONAIS DO MUNICÍPIO DE SAPUCAIA DO SUL/RS	
Leda Rúbia Maurina Coelho Déborah Goulart Silveira Rafael da Silva Cezar Letícia Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4111915021	
CAPÍTULO 2	11
A EDUCAÇÃO DA HIGIENE BÁSICA NO ÂMBITO ESCOLAR	
Claudiane Santana Silveira Amorim Fernanda Cruz de Oliveira Mônica de Cássia Pinheiro Costa Sávio Felipe Dias Santos Alba Lúcia Ribeiro Raithy Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.4111915022	
CAPÍTULO 3	16
A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM SAÚDE E SEUS DESAFIOS PARA A INTERDISCIPLINARIDADE.	
Eliane Soares Tavares Lucia Azambuja Vieira Rosane Eunice Oliveira Silveira Patrícia Albano Mariño	
DOI 10.22533/at.ed.4111915023	
CAPÍTULO 4	27
ACADÊMICOS DE MEDICINA DURANTE ESTÁGIO NA DIVISÃO DE TRANSPLANTES DE FÍGADO E ÓRGÃOS DO APARELHO DIGESTIVO EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Victor Vieira Silva Aline Andrade de Sousa Fábio de Azevedo Gonçalves Darah Fontes da Silva Assunção Rafael de Azevedo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4111915024	
CAPÍTULO 5	31
AÇÃO EDUCATIVA EM ENFERMAGEM SOBRE ECTOPARASIToses NO ÂMBITO ESCOLAR PARA PREVENÇÃO E CUIDADO NA INFÂNCIA - RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Raquel Silva Nogueira Manuela Furtado Veloso de Oliveira Matheus Barbosa Martins Daniela Marçal Valente Aline Bento Neves Glenda Keyla China Quemel Aldeyse Teixeira de Lima Leide da Conceição do Espírito Santo Monteiro Irineia Bezerril de Oliveira da Silva Nubia Cristina Pereira Garcia Lilian Thais Dias Santos Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.4111915025	

CAPÍTULO 6 39

AÇÃO EDUCATIVA PARA OS PORTADORES DE DIABETES E HIPERTENSÃO ARTERIAL
MATRICULADOS EM UMA ESF DE BELÉM-PA

Eliomara Azevedo do Carmo Lemos
Carla Andrea Avelar Pires
Geraldo Mariano Moraes de Macedo
Ceres Larissa Barbosa de Oliveira
Sérgio Bruno dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.4111915026

CAPÍTULO 7 42

ADEQUA-SE O TEMA ESPIRITUALIDADE NA GRADE CURRICULAR DOS CURSOS DA ÁREA DA
SAÚDE NA PÓS-MODERNIDADE?

Edson Umeda
Juliana Ferreira de Andrade
Juliana Fehr Muraro

DOI 10.22533/at.ed.4111915027

CAPÍTULO 8 49

AS ATIVIDADES LÚDICAS COMO MECANISMO TRANSFORMADOR NO
PROCESSO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Marcos José Risuenho Brito Silva

Diully Siqueira Monteiro
Camilla Cristina Lisboa Do Nascimento
Eliseth Costa Oliveira de Matos

DOI 10.22533/at.ed.4111915028

CAPÍTULO 9 52

ASSISTÊNCIA INTEGRAL AO PACIENTE OBESO EXPERIÊNCIA EM ENSINO E EXTENSÃO

Tiago Franco David
Ana Carolina Contente Braga de Souza
Karem Mileo Felício
João Soares Felício
Camila Castro Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.4111915029

CAPÍTULO 10 56

ATENÇÃO FARMACÊUTICA EM DROGARIAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA VIVÊNCIA DA
PRÁTICA PROFISSIONAL COM FORMAÇÃO EM METODOLOGIA ATIVA - APRENDIZAGEM
BASEADA EM PROBLEMA NA GRADUAÇÃO DE FARMÁCIA- FPS

Emília Mendes da Silva Santos
Ivana Glaucia Barroso da cunha

DOI 10.22533/at.ed.41119150210

CAPÍTULO 11 63

BIOÉTICA E TRANSVERSALIDADE NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE IGUALDADE ENTRE OS
GÊNEROS

Renata Bertti Nunes
Tereza Rodrigues Vieira

DOI 10.22533/at.ed.41119150211

CAPÍTULO 12 74

COMUNICAÇÃO ENTRE OS SURDOS E OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE, UMA QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA? REVISÃO SISTEMÁTICA

Wellington Jose Gomes Pereira
Marciana Matyak
Simone Cristina Pires Domingos
Tainá Gomes Valeiro
Anna Carolina Vieira Martins
Haysa Camila Boguchevski

DOI 10.22533/at.ed.41119150212

CAPÍTULO 13 86

CONFECÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA TRABALHAR EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Clarice Munaro
Emanuella Simas Gregório

DOI 10.22533/at.ed.41119150213

CAPÍTULO 14 92

CONTRIBUIÇÕES DA MONITORIA ACADÊMICA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM SOB A ÓTICA DE DISCENTES DO CURSO DE ENFERMAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alba Lúcia Ribeiro Raithy Pereira
Jamilly Nunes Moura

DOI 10.22533/at.ed.41119150214

CAPÍTULO 15 99

DIAGNÓSTICO DO TERRITÓRIO: UMA VISÃO INTERDISCIPLINAR NO CAMPO DA ATENÇÃO BÁSICA

Vanessa dos Santos Silva
Roberto Mendes Júnior
Ruhama Beatriz da Silva
Ruty Thaís Silva de Medeiros
Lorena Oliveira de Souza
Robson Marciano Souza da Silva
Ylanna Kelayne Lima Lopes Adriano Silva
Arysleny de Moura Lima
Juciane Miranda

DOI 10.22533/at.ed.41119150215

CAPÍTULO 16 107

EDUCAÇÃO EM SAÚDE E FISIOTERAPIA: DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES PESSOAIS NA SALA DE ESPERA DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Josiane Schadeck de Almeida Altemar
Cássia Cristina Braghini

DOI 10.22533/at.ed.41119150216

CAPÍTULO 17 111

ELABORAÇÃO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA USUÁRIO SOBRE A REDE DE ATENÇÃO À SAÚDE NA ONCOLOGIA

Juliana da Costa Santana
Antônio Samuel da Silva Santos
Bruno Thiago Gomes Baia
Lennon Wallamy Sousa Carvalho

Letícia Caroline da Cruz Paula
Mayara Tracy Guedes Macedo
Héllen Cristhina Lobato Jardim Rêgo

DOI 10.22533/at.ed.41119150217

CAPÍTULO 18 119

ELABORAÇÃO DE UM PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO DE COMPETÊNCIAS AUDITIVAS E FONOLÓGICAS – PECAFON

Roberta Neves
Cristiane Lima Nunes
Graça Simões de Carvalho
Simone Capellini²
Júlio de Mesquita Filho

DOI 10.22533/at.ed.41119150218

CAPÍTULO 19 133

ENQUANTO ESTOU NO HOSPITAL - UM LIVRO PARA CRIANÇAS HOSPITALIZADAS, SEUS CUIDADORES E GRUPOS DE TRABALHO DE HUMANIZAÇÃO

Simone Lopes de Mattos

DOI 10.22533/at.ed.41119150219

CAPÍTULO 20 138

ESCOLA SAUDÁVEL E SUSTENTÁVEL: A PERCEPÇÃO DOCENTE PELA IDENTIFICAÇÃO DE CONCEITOS

Nádia Teresinha Schröder
Ana Maria Pujol Vieira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.41119150220

CAPÍTULO 21 152

FALANDO SOBRE HIPERTENSÃO ARTERIAL COM AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE, ANTES E DEPOIS DE UMA PRÁTICA EDUCATIVA – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rafaela Garcia Pereira
Dirce Nascimento Pinheiro

DOI 10.22533/at.ed.41119150221

CAPÍTULO 22 156

INCLUSÃO DE POPULAÇÃO INDÍGENA E OS DESAFIOS PARA PRÁTICA DOCENTE HOSPITALAR EM ENFERMAGEM NO ENSINO SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Edileuza Nunes Lima
Sandra Helena Isse Polaro
Roseneide dos Santos Tavares
Carlos Benedito Marinho Souza

DOI 10.22533/at.ed.41119150222

CAPÍTULO 23 162

INTERVENÇÃO E PESQUISA EM PROMOÇÃO DE SAÚDE NA EJA: DESAFIO DO USO DE METODOLOGIAS EMANCIPATÓRIAS

Daniela Ribeiro Schneider
Leandro Castro Oltramari
Diego Alegre Coelho
Aline da Costa Soeiro
Paulo Otávio D'Tôlis
Caroline Cristine Custódio

Júlia Andrade Ew
Gabriela Rodrigues
Pedro Gabriel Moura Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.41119150223

CAPÍTULO 24 180

O PROGRAMA MENTORING NO CURSO DE MEDICINA DE UMA IES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rafael de Azevedo Silva
Elana Cristina da Silva Penha
Tamara Pinheiro Mororo
Daniel Figueiredo Alves da Silva
Raquel de Souza Gomes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.41119150224

CAPÍTULO 25 184

OFICINA EDUCACIONAL UTILIZADA PELA ENFERMAGEM PARA A EDUCAÇÃO CONTINUADA SOBRE A VACINAÇÃO INFANTIL

Aliniana da Silva Santos
Ana Carolina Ribeiro Tamboril
Natalia Daiana Lopes de Sousa
Fernanda Maria Silva
Maria Corina Amaral Viana

DOI 10.22533/at.ed.41119150225

CAPÍTULO 26 190

PERCEPÇÃO DO ACADÊMICO DE MEDICINA EM AÇÕES DE UM PROJETO DE EXTENSÃO COMO POTENCIALIZADORA DA PROMOÇÃO E PREVENÇÃO À SAÚDE

Brenna Lucena Dantas
Rebecca Maria Inocência Gabínio Borges
Vanessa Carolinne de Andrade e Albuquerque
Yago Martins Leite
Etiene de Fátima Galvão Araújo

DOI 10.22533/at.ed.41119150226

CAPÍTULO 27 199

PIBID COMO PROMOTOR DA SAÚDE DO ESTUDANTE: 'BULLYING' EM AMBIENTE ESCOLAR

Viviane de Lima Cezar
Laura Alves Strehl
Maria Isabel Morgan-Martins
Eliane Fraga da Silveira

DOI 10.22533/at.ed.41119150227

CAPÍTULO 28 205

PERFIL DAS PUBLICAÇÕES DE ENFERMAGEM SOBRE SAÚDE DO ADULTO EM CONDIÇÕES CIRÚRGICAS: REVISÃO INTEGRATIVA

Luana de Macêdo
Eloíde André Oliveira
Fabiana Maria Rodrigues Lopes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.41119150228

CAPÍTULO 29 219

PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL NA ENFERMAGEM: DEMANDAS ÉTICAS E POLÍTICAS NA VIVÊNCIA NO ESTÁGIO CURRICULAR

Heloiza Maria Siqueira Rennó
Carolina da Silva Caram;
Lilian Cristina Rezende
Lívia Cozer Montenegro
Flávia Regina Souza Ramos
Maria José Menezes Brito

DOI 10.22533/at.ed.41119150229

CAPÍTULO 30 230

PROMOÇÃO DA SAÚDE COMO EIXO INTEGRADOR DAS DISCIPLINAS DO PRIMEIRO PERÍODO DO CURSO DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

Ana Maria Florentino
Aline Cristina Brando Lima Simões
Ana Cristina Borges
Damião Carlos Moraes dos Santos
Nina Lúcia Prates Nielebock de Souza
Rodrigo Chaves

DOI 10.22533/at.ed.41119150230

CAPÍTULO 31 237

PROMOÇÃO DE AÇÃO EDUCATIVA SOBRE ANTICONCEPÇÃO E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Amanda de Alencar Pereira Gomes
Sintya Gadelha Domingos da Silva
Jonathan Emanuel Lucas Cruz de Oliveira
Clístenes Daniel Dias Cabral
Débora Taynã Gomes Queiroz

DOI 10.22533/at.ed.41119150231

CAPÍTULO 32 246

TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E SAÚDE DESENVOLVIMENTO DE APLICATIVO MÓVEL VOLTADO PARA AMAMENTAÇÃO SEGURA NOS PERÍODOS NEONATAL E PEDIÁTRICO

Tobias do Rosário Serrão

DOI 10.22533/at.ed.41119150232

CAPÍTULO 33 253

VISITA DOMICILIAR PARA FAMÍLIA DE JOVEM COM RECIDIVAS DE SUICÍDIO COM MEDICAMENTOS: RELATO DE CASO

Camila Cristiane Formaggi Sales
Eloisa Leardini Pires
Jéssica Yumi de Oliveira
Lisa Bruna Saraiva de Carvalho
Allana Roberta da Silva Pontes
Jullye Mardegan
Desirée Marata Gesualdi
Marcia Regina Jupi Guedes
Magda Lúcia Félix de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.41119150233

SOBRE A ORGANIZADORA..... 259

OFICINA EDUCACIONAL UTILIZADA PELA ENFERMAGEM PARA A EDUCAÇÃO CONTINUADA SOBRE A VACINAÇÃO INFANTIL

Aliniana da Silva Santos

Universidade Estadual do Ceará-UECE,
Fortaleza, Ceará.

Ana Carolina Ribeiro Tamboril

Universidade Regional do Cariri, Crato, Ceará.

Natalia Daiana Lopes de Sousa

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza,
Ceará.

Fernanda Maria Silva

Universidade Regional do Cariri, Crato, Ceará.

Maria Corina Amaral Viana

Universidade Regional do Cariri, Crato, Ceará.

RESUMO: Os agentes comunitários de saúde, na realização das suas atividades envolvendo a caderneta de vacinação infantil, muitas vezes apresentam dificuldades para orientar quais as vacinas a criança poderá receber de acordo com a faixa etária, quais os intervalos e quais as orientações necessárias nos casos de atrasos vacinais. Por isso é necessário que o enfermeiro desenvolva atividades educativas sobre o tema com este público, tendo em vista que os Agentes Comunitários de Saúde são atores importantes na busca ativa de crianças para a imunização. Assim este trabalho tem como objetivo relatar a experiência da realização de uma oficina educativa sobre imunização infantil utilizando uma dinâmica chamada “circuito simples de aprendizagem”.

A partir desta dinâmica, foi possível observar que todos tinham dificuldades em relação ao limite de idade para o recebimento da vacina e os seus intervalos mínimos, sempre em caso de atrasos eles não conseguiram identificar quais as vacinas a criança ainda poderia receber. Considera-se que a dinâmica foi fundamental para o êxito da oficina educativa, pois oportunizou aos Agentes Comunitários de Saúde a corresponsabilização pelo seu aprendizado, incentivando o pensamento crítico-reflexivo dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Vacinação; Saúde da Criança; Atenção Primária à Saúde; Promoção da Saúde.

ABSTRACT: Community health agents, in carrying out their activities involving the child vaccination book, often have difficulties in guiding which vaccines the child can receive according to age, what intervals and what guidelines are necessary in cases of delays vaccines. Therefore it is necessary that the nurse develops educational activities on the subject with this public, considering that the Community Health Agents are important actors in the active search of children for immunization. Thus, this work aims to report the experience of an educational workshop on child immunization using a dynamic called “simple learning circuit”. From this dynamics, it was possible to observe

that all had difficulties regarding the age limit for receiving the vaccine and their minimum intervals, always in case of delays they could not identify which vaccines the child could still receive. It is considered that the dynamics was fundamental for the success of the educational workshop, as it gave the Community Health Agents the responsibility for their learning, encouraging the critical-reflexive thinking of them.

KEYWORDS: Vaccination; Child Health; Primary Health Care; Health promotion

1 | INTRODUÇÃO

No contexto de imunização, a equipe da Estratégia de Saúde da Família (ESF) realiza a averiguação da situação vacinal na caderneta de vacinação e encaminha a população à unidade de saúde para iniciar ou completar o esquema vacinal, sendo importante que haja integração e atualização da equipe para evitar oportunidades perdidas de vacinação (BRASIL, 2014).

O acompanhamento da caderneta de vacinação da criança é uma das atribuições básicas e essenciais do Agente Comunitário de Saúde (ACS), desenvolvendo ações de prevenção e promoção à saúde infantil.

Porém, para que esta atribuição seja desempenhada de forma efetiva, o enfermeiro da ESF deve fornecer subsídios a partir da educação continuada desses profissionais, uma vez que esses profissionais têm como uma das suas atribuições supervisionar, coordenar e realizar atividades de educação continuada dos ACS's e da equipe de enfermagem.

Na prática das atividades envolvendo a caderneta de vacinação infantil, muitas vezes os ACS's apresentam dificuldades para orientar quais as vacinas a criança poderá receber de acordo com a faixa etária, quais os intervalos e quais as orientações necessárias nos casos de atrasos vacinais.

As mudanças no calendário de vacinas ocorrem com frequência e por isso é importante que o enfermeiro fique sempre atento e desenvolva atividades educativas com os profissionais da ESF acerca da vacinação infantil. É importante o acompanhamento efetivo do calendário de vacina infantil uma vez que as vacinas permitem a prevenção, o controle, a eliminação e a erradicação das doenças imunopreveníveis, assim como a redução da morbimortalidade por certos agravos (BRASIL, 2014).

Para alcançar a efetividade do Programa Nacional de Imunização atingindo as metas de erradicação e controle das doenças, os ACS's são importantes atores nesse processo, uma vez que são eles quem apresentam o maior vínculo com a comunidade e são os responsáveis pela busca ativa das crianças com atraso de vacinal.

Em 2016 o calendário de imunização infantil passou atualização, por isso este trabalho tem como objetivo relatar a experiência da realização de uma oficina educativa sobre imunização infantil utilizando metodologias ativas.

2 | METODOLOGIA

Estudo descritivo do tipo relato de experiência acerca da aplicação de uma oficina educativa direcionada para Agentes Comunitários de Saúde realizada em uma Estratégia de Saúde da Família no município de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil.

A oficina educativa foi realizada em fevereiro de 2016 com duração de 4 horas, a mesma se deu mediante metodologias ativas enfocando a atualização do calendário de vacinação infantil.

A mesma teve como objetivo focar as mudanças no calendário de vacinação infantil; incentivar o raciocínio rápido dos agentes comunitários de saúde em relação ao calendário de vacina, fortalecer as orientações acerca da vacinação infantil.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a realização da oficina educacional, foram utilizados os seguintes materiais: cartolina com o nome de cada vacina do calendário infantil, cola, caixa, impressos acerca das vacinas do calendário infantil contendo as seguintes informações (ação da vacina, via de administração, faixa etária recomendada, limite de idade para recebimento da vacina, contra-indicações, intervalo mínimo entre as doses).

Os itens foram recortados e misturados de forma que os agentes comunitários de saúde pudessem identificar a qual vacina pertencia à informação retirada da caixa.

A partir de uma dinâmica chamada “circuito simples de aprendizagem” eles foram convidados a montar as especificidades de cada vacina de acordo com os seus conhecimentos básicos.

O circuito é uma estratégia metodológica de ensino aprendizagem com objetivo de sintetizar e consolidar conhecimentos, habilidades e hábitos, possibilitando o levantamento, a discussão e a construção de conhecimento, possibilitando uma aprendizagem significativa crítica caracterizada pela interação entre o novo conhecimento e o conhecimento prévio de cada integrante. Participaram da oficina educativa oito Agentes Comunitários de Saúde.

A dinâmica foi conduzida pela enfermeira da ESF e cada ACS retirava um papel com uma especificidade da vacina e encaixava na cartolina. As vacinas avaliadas foram a BCG, hepatite A, hepatite B, tríplice bacteriana (DTP), *haemophilus influenzae* tipo b, poliomielite (vírus inativados), pentavalente (DTP + hepatite B + *haemophilus influenzae* tipo b), rotavírus, pneumocócica conjugada, meningocócica conjugada, influenza, poliomielite oral (vírus vivos atenuados), tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola), varicela (catapora) e HPV.

Vale salientar que houveram as seguintes mudanças no calendário de imunização de 2016: a vacina pneumocócica será de apenas 2 doses e o reforço, sendo excluída a dose aos 6 meses e a vacina contra o HPV também foi reduzida a 2 doses, sendo

excluída a 3ª dose após 5 anos de aplicação da primeira. Dentre as vacinas foram destacadas algumas especificidades como por exemplo, que a BCG não deve ser administrada nos menores de 2kg e nos casos dos vacinados sem cicatriz aguardar 6 meses para encaminhar para a revacinação.

As vacinas que eles apresentaram melhor conhecimento foram à hepatite B, BCG e a vacina triviral. Foi possível identificar que as vacinas pentavalente, meningocócita, rotavírus, hepatite A e DTP são as que os ACS's possuíam mais dificuldades para identificar o intervalo máximo de idade da vacina e quais doenças essas vacinas preveniam.

Essas dificuldades foram apontadas devido às mudanças periódicas no calendário de imunização infantil, que de acordo com Nardi (2016), o Calendário Nacional de Vacinação tem mudanças periódicas em função de diferentes contextos, em que sempre que há uma mudança na situação epidemiológica ou nas indicações das vacinas ou incorporação de novas vacinas, o calendário de imunização é modificado.

Quando foi solicitado para fazer o aprazamento das vacinas no calendário do nascimento das crianças os ACS's fizeram sem dificuldades, porém nos casos de atraso vacinal, a maior dificuldade foi em relação ao prazo máximo de recebimento das vacinas e quais os intervalos entre elas.

As vacinas pneumocócita e meningocócita de acordo com a mudança de 2016, podem ser recebidas pela criança até os 4 anos 11 meses e 29 dias (até o ano passado era apenas até 2 anos completos); a vacina pentavalente pode ser administrada até os 6 anos (até ano passado era até 5 anos); e a DTP continua podendo ser administrada até 7 anos de idade.

A vacina contra hepatite A, pode ser administrada em até menores 2 anos. Em relação ao recebimento da vacina contra o rotavírus, foi reforçado pela facilitadora da dinâmica que a primeira dose pode ser administrada a partir de 1 (um) mês e 15 dias até 3 (três) meses e 15 dias e a segunda dose a partir de 3 (três) meses e 15 dias até 7 (sete) meses e 29 dias. Destacando que todas as vacinas apresentam como intervalo mínimo 30 dias.

A partir desta dinâmica, foi possível observar que todos tinham dificuldades em relação ao limite de idade para o recebimento da vacina e os seus intervalos mínimos, sempre em caso de atrasos eles não conseguiram identificar quais as vacinas a criança ainda poderia receber.

Após o desenvolvimento do “circuito simples de aprendizagem”, estabeleceu-se uma discussão entre os participantes do processo, para que o facilitador pudesse avaliar a aprendizagem. Esta avaliação é necessária, pois permite identificar se a aprendizagem foi alcançada, oferece informações sobre que atitudes tomar para um contínuo reiniciar do processo aprendizagem.

Ressalta-se a importância da avaliação por parte dos participantes em relação à atuação do enfermeiro dentro do processo de ensino aprendizagem e da adequação do plano de objetivos propostos. Por fim, pode-se perceber a evolução do conhecimento

sobre o calendário vacinal entre os ACS.

A aprendizagem deve partir da análise de situações e da atitude para derivar o conhecimento, abrangendo, entre outras características, conhecimento, capacidade de execução, habilidade para a execução, raciocínio, pensamento crítico, postura profissional e ética, relacionamento humano, comportamento, valores, mudança de atitude e até certa independência para a produção do saber (ZEFERINE, PASSERI; 2007).

O Programa Nacional de Imunização (PNI) do Brasil é uma referência internacional de política pública de saúde. O país já erradicou, por meio da vacinação, doenças de alcance mundial como a varíola e a poliomielite (paralisia infantil) (BRASIL, 2015).

A avaliação adequada da cobertura vacinal contribui para obtenção de respostas relacionadas à efetividade da ação para detectar se a população infantil encontra-se imunizada, além da identificação de pontos frágeis das atividades de vacinação. (PEREIRA, et al., 2009).

O serviço realizado pelo Agente Comunitário de Saúde faz toda a diferença para se obter a situação real acerca da vacinação infantil, sendo a visita domiciliar um importante meio para realizar as orientações aos cuidadores no intuito de evitar o atraso vacinal.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da aplicação do circuito de aprendizagem, foi possível identificar as dificuldades e os déficits de conhecimentos acerca da imunização da criança por parte dos agentes comunitários de saúde. Essas dificuldades são devida às mudanças constantes no calendário de imunização infantil, sendo necessária que seja realizada com frequência a educação continuada sobre o tema.

A dinâmica despertou o interesse dos participantes e a metodologia ativa aplicado por meio do “circuito simples de aprendizagem” foi fundamental para o êxito da oficina educativa, pois oportunizou aos ACS’s a corresponsabilização pelo seu aprendizado, incentivando o pensamento crítico-reflexivo dos mesmos, tendo o enfermeiro apenas como um facilitador das experiências relacionadas ao processo de aprendizagem e assim otimizando o trabalho do ACS na busca ativa de vacinação infantil.

Para efetivar as ações de orientação das vacinas por parte dos agentes comunitários de saúde, é necessário que o enfermeiro disponibilize e aplique metodologias ativas para que o processo educativo seja dinâmico e eficaz e atraia a atenção dos participantes de forma que facilite o processo de ensino aprendizagem dos sujeitos envolvidos no processo de educação continuada em saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Programa Nacional de Imunizações (PNI)**. Disponível em: <http://www.blog.saude.gov.br/entenda-o-sus/50027-programa-nacional-de-imunizacoes-pni.html>. Acesso em: 10.jul.2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de Normas e Procedimentos para Vacinação**. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

NARDI, A. **Ministério da Saúde realiza mudanças no Calendário de Vacinação**. Janeiro de 2016. Disponível em <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/principal/agencia-saude/21518-ministerio-da-saude-realiza-mudancas-no-calendario-de-vacinacao>>. Acesso em: 14.jul.2016.

PEREIRA, D.R et al. **Cobertura vacinal em crianças de 12 a 23 meses de idade**: estudo exploratório tipo Survey. Rev. Eletr. Enf. 2009;v.11, n.2, p.360-7.

ZEFERINO, A.M.B; PASSERI, S.M.R.R. **Avaliação da Aprendizagem do Estudante**. Cadernos ABEM. v.3; 2007.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-141-1

